

lixante o teu cheiro. Acalma-me com o saber que

desinteste de nós : Já nos dependo de mim !!

**DESAFIOS DE
ESCRITA: NAS
FRONTEIRAS
DO CORPO**

A PROPÓSITO DE CINDY
SHERMAN EM DIÁLOGO
COM LUIZA NETO JORGE

Writing Challenges:
At the Frontiers of
the Body

Apropos of Cindy Sherman
in dialogue
with Luiza Neto Jorge

Susane Abandonno →



diana almeida

Comecei por trabalhar a escrita criativa no contexto pedagógico; apresentei-me depois à equipa do Centro de Pedagogia e Animação (CPA) do Centro Cultural de Belém (CCB), então coordenado pela coreógrafa e programadora cultural Madalena Victorino, com quem tive o privilégio de colaborar durante alguns anos. O enorme prazer retirado destas experiências e ainda o elevado grau de adesão por parte dos participantes levaram-me a esboçar um plano de pós-doutoramento com uma componente de intervenção no espaço museológico. Propus à FCT (da qual sou actualmente bolsreira) estudar a identidade através das representações do corpo na obra de duas poetisas (Luiza Neto Jorge e Elizabeth Bishop) e de duas fotógrafas (Helena Almeida e Cindy Sherman), e ainda elaborar e implementar exercícios de escrita no museu relacionando dialogicamente os textos verbais e visuais destas autoras. No início de 2009, contactei Cristina Gameiro, actual responsável pelo Serviço Educativo do CCB, que acolheu com entusiasmo esta proposta, permitindo-me iniciar o projecto Desafios de Escrita.

Intitulados Nas Fronteiras do Corpo por problematizarem a dimensão corporal da identidade, os Desafios de Escrita assumem um carácter performativo, tendo como público alvo todos os visitantes do museu que circulam perto da “obra alvo”

This project is entitled At the Frontiers of the Body because it intends to problematize the corporeal dimension of identity. It has a performative character, since the target audience are all the museum visitors who happen to pass by the “target work”

*Writing Challenges:
At the Frontiers of the Body
Apropos of Cindy Sherman in dialogue
with Luiza Neto Jorge*

I first started working on creative writing within the pedagogical context; subsequently I came into contact with the Education and Events team (CPA) in CCB (Belém Cultural Center), at the time coordinated by choreographer and cultural programmer Madalena Victorino, with whom I had the privilege of working for some years. The personal satisfaction drawn from these experiences, as well as the participants’ overwhelming enthusiasm, led me to outline a postdoctoral project that included creative writing interventions in museums. The FCT has awarded me a research grant to: i) study the representations of the body and identity in the work of two poets (Luiza Neto Jorge and Elizabeth Bishop) and two photographers (Helena Almeida and Cindy Sherman); ii) plan and implement creative writing interventions in the museum, dialogically relating the verbal and visual texts of these authors. At the beginning of 2009, I contacted Cristina Gameiro, currently responsible for the CCB’s Department of Education,

Intitulados *Nas Fronteiras do Corpo* por problematizarem a dimensão corporal da identidade, os *Desafios de Escrita* assumem um carácter performativo, tendo como público alvo todos os visitantes do museu que circulam perto da “obra alvo” durante as três horas de duração da minha “performance cultural”. Abordo os visitantes aleatoriamente (em português, espanhol, inglês ou francês), descrevo o projecto em breves linhas e concedo-os a escrever, a tornarem-se artistas. As intervenções são concebidas em função do espaço expositivo, tendo em conta as opções de curadoria, e baseiam-se numa pesquisa prévia, de modo a relevar as características fundamentais da obra das (diversas) artistas consideradas. Procuo proporcionar um contexto propício ao recolhimento necessário para a demanda criativa, uma espécie de “ilha” suspensa no fluxo de visitantes, muitos deles de passagem, cumprindo um mero ritual cultural, alheios à disponibilidade na raiz da experiência estética.

Junto à obra escolhida coloco dois bancos de madeira como mesas de suporte para livro(s) de consulta (antologia poética e catálogo da

who received this proposal with interest and helped me launch the *Writing Challenges*.

This project is entitled *At the Frontiers of the Body* because it intends to problematize the corporeal dimension of identity. It has a performative character, since the target audience are all the museum visitors who happen to pass by the “target work” during the three hours that each of my “cultural performances” lasts. I approach the visitors at random (in Portuguese, Spanish, English or French), introduce the project briefly, and invite them to write, to become artists in their own right. These interventions are developed taking into account the venue and the curators’ choices; and they are structured by prior research, in order to highlight the main features of the selected artists’ oeuvre. I aim to offer the “writers” the opportunity to plunge into a state of concentration, in order to engage into an imaginative search. And so I create a sort of “island” suspended in the flow of visitors, many of which are on the move, fulfilling a mere cultural ritual, far from the receptiveness at the root of the aesthetic experience.

Next to the chosen work I place two wooden benches on which I put some reference books (the poetry anthology



Untitled (1987), Cindy Sherman

artista), papel (variando a cor e tamanho consoante a actividade) e instrumentos de escrita, possibilitando a escolha entre canetas de feltro, lápis ou esferográficas, opção que por si mesma institui uma oportunidade de para reflectir sobre a componente material da escrita. Numa destas mesas costumamos também deixar o conjunto de textos entretanto produzidos pelos visitantes, que escollhem frequentemente deixar o resultado da sua participação para ser partilhado com o público subsequente. Por fim, frente à obra a trabalhar disponho em fila alguns bancos desdobráveis, onde costuma sempre estar pelo menos um “escritor”, durante o período em que decorrem estas intervenções.

Começo por me certificar de que as pessoas se encontram disponíveis para ouvir a minha proposta, já que alguns visitantes se sentem intimidados e optam por “não ter tempo”. Nesta conversa inicial apresso brevemente o projecto e teço algumas considerações sobre a obra alvo, tendo em conta a produção da artista e o contexto em que este trabalho se situa na exposição (em particular quando esta funciona por núcleos temáticos). Depois, forneço um elo entre esta obra e o exerto literário por mim escolhido, normalmente manuscrito num rectângulo de cartolina colorido, que entretogo em mão aos visitantes para se poderem inspirar enquanto escrevem, ou para levarem na visita à exposição, enquanto decidem se

querem ou não participar no Desafio de Escrita. Terminado o texto (escrito na língua materna, de modo a propiciar máxima liberdade criativa), convido os “escritores” a partilhar a sua obra, lendo-a para mim em voz alta, ou ouvindo-me ler. Este momento é de extrema importância, já que valoriza o potencial criativo individual e valida a eficácia comunicativa da escrita, dando corpo à palavra. No final, sugiro ainda aos participantes que consultem os livros expostos, lendo na íntegra o texto de onde retirei o(s) verso(s) e ficando assim a conhecer a poesia de Neto Jorge ou de Bishop e a obra da artista visual; algumas vezes, são os acompanhantes do “escritor” que manuseiam estes livros enquanto esperam.

Durante estas performances recebo muitas respostas apolégicas, “eu não sei escrever” ou “desculpe, não tenho imaginação nenhuma”, mas quem aceita o Desafio brilha no orgulho de ter ousado imaginar, transmuda o rosto sério que se usa para ir ao museu no sorriso aberto do criador.

and the artist’s catalogue), some paper (color and size depending on the activity), and writing instruments (felt pens, pencils and ballpoint pens) for the visitor to choose, which already generates an opportunity to reflect on the material dimension of writing. Visitors are usually willing to share their texts, so I leave them on one of the benches for other people to read. Finally, in front of the chosen work, I line up some folding benches where there is always at least one “writer,” throughout the period these interventions take place.

I start by making sure that people are available to listen to my proposal, since some visitors feel intimidated and choose “not to have time.” In this first approach I briefly introduce the project and share some reflections about the “target work,” considering the artist’s overall production and the context of the exhibition (in particular when it is thematically organized).

I then establish a connection between this visual text and the chosen literary quotation, usually handwritten on a rectangle of colored paperboard, which I hand over to the visitors, to inspire them while writing, or for them to carry along as they stroll through the exhibition and decide whether or not to take part in the Writing Challenge. Once they have finished the text (written in their mother tongue for maximum creative freedom), I invite the “writers” to share their work, reading it out to me, or hearing me read it. This moment is extremely important since it values each individual’s creative potential and validates the communicative efficacy of writing, embodying the word. Further-

more, I invite participants to take a look at the books on display and to read the full poem from which I have selected the verse(s), which introduces them to the poetry of Neto Jorge or Bishop and to the visual artist’s oeuvre; sometimes, it is the participant’s companions who handle these books while waiting.

During these performances I meet with many apologetic answers, “I can’t write” or “I’m sorry, I have absolutely no imagination,” but those who accept the Challenge become proud of having dared to imagine, and transfigure the serious look used by standard museum visitors into the creator’s open smile.

In the exhibition *She is a Femme Fatale* (Dec 2009/Jan 2010, CCB), a display of the Berardo Collection’s works, showing women artists from the beginning of the 20th century to the contemporary context, I was invited by the artists and curators Ana Rito and Hugo Barata to plan and put into practice an extensive series of interventions (totaling 30 hours), inspired by images of seven photographers. I will now describe my proposal for

Durante estas performances recebo muitas respostas apolégicas, “eu não sei escrever” ou “desculpe, não tenho imaginação nenhuma”, mas quem aceita o Desafio brilha no orgulho de ter ousado imaginar

During these performances I meet with many apologetic answers, “I can’t write” or “I’m sorry, I have absolutely no imagination,” but those who accept the Challenge become proud of having dared to imagine

Subvertendo a iconografia típica [...] Sherman escolhe um plano picado para apresentar personagens reclinadas, retratadas num close-up que contribui para o sentido de vulnerabilidade do corpo assim exposto.

Sherman subverts the typical iconography of the centerfolds [...] and chooses a high-angle shot to present figures often lying down, depicted in a close-up that highlights their vulnerability.

Na exposição *She is a Femme Fatale* (Dez. 09/Jan. 10, CCB), uma mostra da Coleção Berardo com trabalhos de mulheres artistas desde o início do século XX até à contemporaneidade, fui convidada pelos artistas e curadores Ana Rito e Hugo Barata para planear e executar uma extensa série de intervenções (no total de trinta horas), inspiradas nas imagens de sete fotografias.

Passo a detalhar a proposta relativa a *Untitled* (1981), uma fotografia da série *Centerfolds*, encomendada a Cindy Sherman pela revista *Artforum*, que acabou por rejeitar o trabalho devido à sua natureza provocatória. De facto, quando esta série foi posteriormente exibida na galeria *Metro Pictures*, em Nova Iorque, suscitou uma imensa controvérsia entre a comunidade feminista, que acusou a artista de vitimizar a figura feminina. Subvertendo a iconografia típica dos desdobráveis com uma mulher provocatoriamente *sexy*, Sherman escolhe um plano picado para apresentar personagens reclinadas, retratadas num close-up que contribui para o sentido de vulnerabilidade do corpo assim exposto. O voyeurismo do espectador

encontra-se ainda enfatizado pela iluminação dramática, aliada ao forte contraste cromático que parodia a retórica deste tipo de imagem, e pelo facto de muitas destas figuras, enquadradas num espaço sem profundidade, parecerem enredadas num estado contemplativo, ignorando o olhar que as dissecava. O efeito perturbador destas opções composicionais é hiperbolizado pelos grandes formatos das impressões finais, que apresentam o corpo quase em tamanho real, acentuando a natureza ficcional da identidade física.

Quanto à imagem que escolhi trabalhar, e após algumas considerações introdutórias, mais ou menos desenvolvidas consoante o interesse e disponibilidade dos interlocutores, sublinhei ainda o facto de este corpo se encontrar parcialmente obliterado, estando o campo visual centrado no triângulo delimitado pelas pernas e com o vértice no sexo da personagem. É evidente a sexualização desta figura, cujo desamparo se inscreve no paradigma melodramático, não só pela tonalidade rosa prevalente (na camisa de noite e no lençol florido), como ainda pelo detalhe subtil do anel de noivado na única mão visível, encontrando-se a mão direita, associada ao agenciamento, fora do campo visual delimitado pela fotografia. Esta dama desamparada, de corpo manietado, o rosto cortado pelo nível dos olhos vagos, parece debater-se com a ansiedade, numa cama vazia. Ocupando cerca de um terço da superfície da imagem, o lençol amarrorado indicia a luta interna da figura feminina e veicula

terlocutors, I highlighted the fact that the woman's body is partially obliterated, and the center of the visual field lies on the triangle circumscribed by the legs, with the vertex on the subject's genitalia. Indeed, the female figure is blatantly sexualized and inscribed in the melodramatic paradigm, figuring as a modern version of the lady in distress, a gender code which is underlined by the prevailing pink tone (the night gown and the flowery bed sheet), and also by the subtle detail of the engagement ring on the visible hand (the right hand, associated with agency, remaining outside the picture frame). This amputated body, face cut just above the vacant eyes, seems to struggle against anxiety, alone on an empty bed: taking about a third of the image, the wrinkled sheet becomes the objective correlative of the figure's internal struggle and conveys a sense of abandonment, since it points to the hypothetical absent partner.

In my approach I proposed a narrative frame, stating that the woman had just awoken from a disturbing dream and asking the visitors to describe it, inspired by two verses by Luiza Neto Jorge – "You've slept with the chimneys smoking / I slept giving birth to light" ("Prelude for Sex and Dream," my adaptation, 30). After reading this excerpt out loud, I made some comments concerning the text the visitors were about to write: on the one hand, I mentioned the implications of choosing different subjects of enunciation, from the closeness of the first person singular, identified with the female figure, to the greater distance of the second and third persons; on the other hand, I underlined the paradoxical quality of these verses, close to the omnitric state. This

[...] assumi que a mulher acabara de despertar de um sonho perturbador e sugeri aos visitantes que o descrevessem, inspirando-se em dois versos de Luíza Neto Jorge: "Dormiste com as chaminés a fumegar / Dormi a dar à luz"

[...] I proposed a narrative frame, stating that the woman had just awoken from a disturbing dream and asking the visitors to describe it, inspired by two verses by Luíza Neto Jorge: "You've slept with the chimneys smoking / I slept giving birth to light"

a hipótese de abandono, visto corresponder ao espaço do parceiro ausente.

Providenciando um enquadramento narrativo para a minha abordagem, assumi que a mulher acabara de despertar de um sonho perturbador e sugeri aos visitantes que o descrevessem, inspirando-se em dois versos de Luíza Neto Jorge – "Dormiste com as chaminés a fumegar / Dormi a dar à luz" ("Prelúdio para Sexo e Sonho", 30). Após ler em voz alta este excerto poético, teci, por paralelismo, algumas considerações quanto à estruturação do texto que os visitantes iriam criar: acentuei, por um lado, as implicações inerentes à escolha de diferentes sujeitos de enunciação, desde a proximidade da primeira pessoa do singular, implicando a identificação com a figura feminina, até à maior distância da segunda e terceira pessoas; fiz notar, por outro lado, a natureza paradoxal dos versos, próxima da experiência onírica. Este tipo de coerência além da lógica permitiu-me sugerir aos grupos de visitantes (nomeadamente quando compostos por elementos heterogêneos, como

type of dreamlike coherence allowed me to suggest to groups of visitors (such as multi generational families) the surrealist technique of the "exquisite corpse" – a sheet of paper where each person is going to write a sentence, then fold the paper and pass it on, so that the next participant cannot read what was previously written. Turning the writing process into an inclusive game foregrounds its accessibility as a means of expression (contradicting the elitist biases that denigrate the creative potential of the "common man"), and values each voice's singularity in the construction of meaning(s).

This exercise in particular was equally suited for a younger audience, with whom I have developed a more intimate strategy, suggesting that they start by discovering this lady's name, so as to humanize the character and establish an emotional bond with her. There were groups of friends that wrote texts together, under the supervision of an adult, and families with young children who, unable to write yet, dictated their story to their mother or father. I would like to quote two of these contributions. One child referred to the contrast between the states of sleep and consciousness as a means to combat the terror of immobility: "My name

Eu sou o Rodrigo, tenho 5 anos.
Para mim, a mulher do sonho chama-se Anália. Ela acabou de acordar e está triste. Sonhou que estava numa prisão e estava ao chão.

Quando se levanta vai ficar mais contente porque o sonho não era a realidade.

REPRIVO
[OST] A

carino.
Llevas tanto tiempo fuera de mi vida.
TE ES COMO CONO SE LE ES A UN
FANTASMA. TUS COJAS SI PUEN AH!
PERO SON OSTEOS DE MUSEO,
REMPUJAS DE UNA MEMORIA MUERTA:
NO SE PUE HACER CON ELAS, LA
OBJETIVO CON CERRA REPENSA,
SIN ATREVEMOS A TOCARLAS, QUIZA
NO TENGA NUNCA EL VALOR DE TRAKAS
ULTIMAMENTE NO ENCUENTRO LORAJE
EN MI MISMA, NI ALEGRIA, NI VIDA.
AHOR TIO, SI TE IMAGINARAS LO
BAJO PUE PUEDO LLEGAR A CAER.
NO SI ENTO VERGUEZA SIN GMBARRO,
DE MI ABANDONO. LA VERGUEZA ES
ALGO PUE UNO SOLO PUEDE SENTIR EN
RELA CON LOS DEMAS. EN LA SOLA-
DAD EN LA QUE SE HA CONVIRTIDO
MI VIDA NO HAY LUGAR PARA LAS
EMOCIONES, SOLO CAE ESTE VAGO Y
EN ESTE VAGO HABITO: TODO HA
VUELO A SER BASICO. AHORA SOLO QUIERO

é o caso de famílias com membros de várias gerações) o recurso à técnica surrealista do cadavre exquis – uma folha na qual cada pessoa vai escrevendo uma frase, dobrando depois o papel, de modo a que o participante seguinte não leia o contributo anterior. Ao transformar a escrita num jogo inclusivo, sublinha-se a sua acessibilidade como meio de expressão (além de pressupostos elitistas que excluem o potencial criativo do indivíduo “comum”), e valoriza-se o contributo singular de cada voz para a construção do(s) sentido(s).

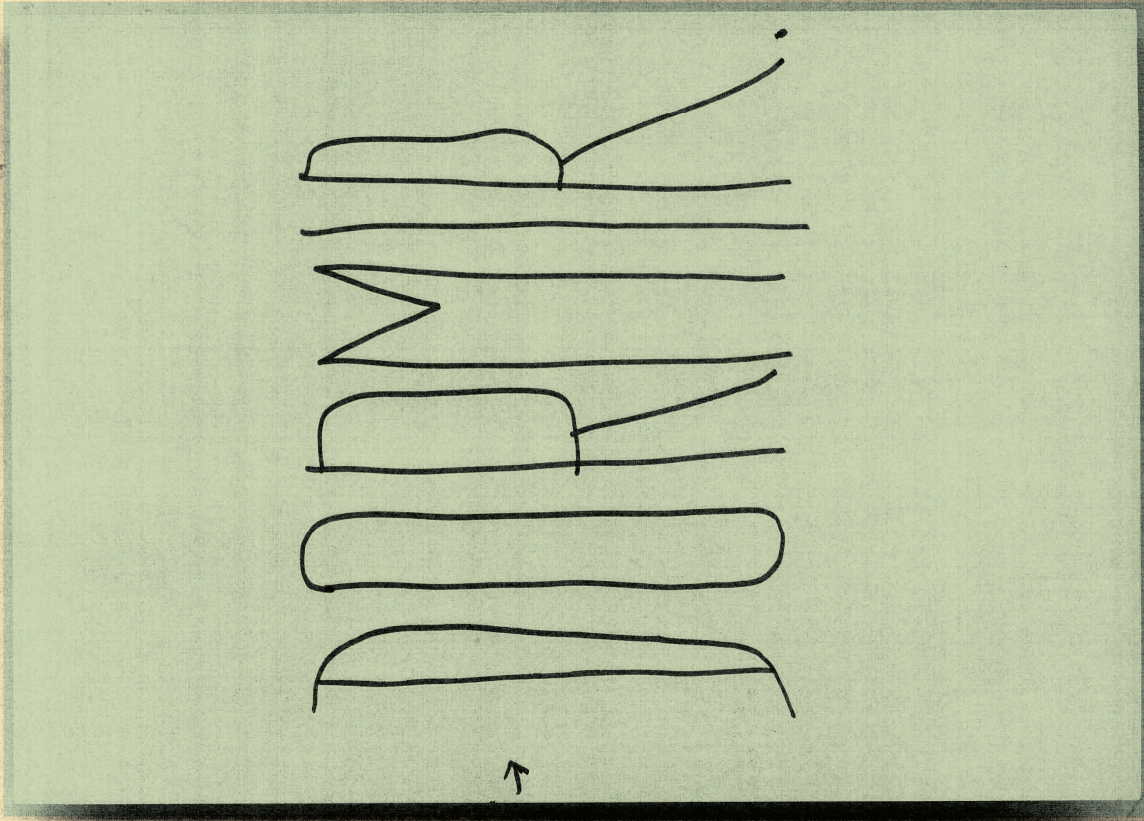
Este exercício em particular adequava-se igualmente à participação de um público jovem, para o qual implementei uma estratégia mais intimista, sugerindo que começassem por descobrir como se chamava esta senhora, modo de humanizar a personagem e tecer com ela um laço afectivo. Houve grupos de amigos que elaboraram um texto em conjunto, sob a supervisão do adulto responsável; famílias com crianças pequenas que, não dominando ainda a escrita, ditaram à mãe ou ao pai a sua história. Gostaria de destacar duas dessas contribuições. Uma criança re-

is Rodrigo, I am five years old. To me, the woman in the photograph is called Amélia. She has just woken up and is sad. She dreamt she was in prison, stuck to the floor. When she wakes up she'll feel happier because the dream wasn't real." Another child associated the character's anxiety to the primordial fear of the dark: "Luísa dreamt she was in the dark. She was looking for the light, but she couldn't find it" (Duarte, seven years old).

Most adults also described a state of distress, often framed by a love crisis, the loss of the loved one ("How noisy it is to wake up in bed alone and see love away"), or the breaking of a commitment, whether by fear of its consequences (leading to "the challenge of solitude"), or by rejection ("You went away. / I remained with the long awaited awareness. / White smoke rose as you burned... I'm going to take off the ring"). In some cases, the melodramatic subtext was hyperbolized, for example when one visitor suggested that the woman had a miscarriage and was later abandoned by her companion, or when another one hinted that her cataleptic state resulted from having taken pills to try to commit suicide (this assumption came from a young female doctor who confided that she had dealt with some tough cases in the emergency

Este exercício [...] adequava-se igualmente à participação de um público jovem, para o qual implementei uma estratégia mais intimista, sugerindo que começassem por descobrir como se chamava esta senhora [...]

This exercise [...] was equally suited for a younger audience, with whom I have developed a more intimate strategy, suggesting that they start by discovering this lady's name [...]



correu ao contraste entre os estados de sono e vigília como meio de combater o terror da imobilidade: “Eu sou o Rodrigo, tenho 5 anos. Para mim, a mulher da fotografia chama-se Amélia. Ela acabou de acordar e está triste. Sonhou que estava na prisão colada ao chão. Quando se levantar vai ficar mais contente porque o sonho não era a realidade”. Outra criança associou a ansiedade da figura ao medo primordial do escuro: “A Luísa sonhou que estava no escuro. Procurava a luz mas não a encontrava” (Duarte, 7 anos).

Também a maior parte dos adultos descreveu um estado de perturbação, muitas vezes enquadrado por uma crise amorosa, pela perda do ente amado (“Como é ruidoso acordar numa cama sozinha e ver o amor ausente”) ou pela quebra do compromisso, quer por medo de assumir as suas consequências (de onde resulta a entrega a “um desafio de solidão”), quer por abandono (“Foste. / Fiquei com a tão esperada consciência. / Havia fumo branco enquanto ardia. (...) Vou tirar o anel”). Nalguns casos, o subtexto melodramático é levado ao extremo, por exemplo através da sugestão de que a mulher terá perdido um filho num abortivo, tendo sido posteriormente deixada pelo companheiro, ou que o seu estado cataléptico advém de ter tomado comprimidos para se tentar suicidar (esta hipótese foi aventada por uma jovem médica, que confessou ter lidado com alguns casos difíceis nas urgên-

Um grupo significativo de participantes referiu-se à dor existencial, ao vazio de uma vida minada pelo cepticismo (“Talvez algo a incomode, algum assunto para o qual existe apenas uma verdade absoluta: a dúvida”) [...]

cias hospitalares onde estivera de serviço na noite anterior). Para outros, a expressão melancólica da figura feminina deve-se a uma noite de excesso alcoólico, coroada por um encontro sexual esporádico que acentua o seu sentimento de desolação.

Um grupo significativo de participantes referiu-se à dor existencial, ao vazio de uma vida minada pelo cepticismo (“Talvez algo a incomode, algum assunto para o qual existe apenas uma verdade absoluta: a dúvida”), ao peso da mortalidade (“Sonhou com a morte vestida de preto”) ou da mediocridade, num contexto niilista, nesta “puta de vida pós-moderna”, onde “sobreviver não é bom, mas estar morto é pior”. Surgiram ainda referências ao contexto de produção artística, ao descontentamento das gerações estadunidenses geradas no idílio dos subúrbios, moldadas pela TV e pela mediação de identidades: “sonhei um sonho americano (...), vivo em tecnicolor”. Note-se que esta última interpretação desvenda em parte as motivações de Sherman, cujo trabalho parodia os estereótipos do feminino veiculados pelos meios de comunicação de massas

A significant group of participants referred to existential malaise, to an empty life undermined by skepticism (“Maybe something’s bothering her, some problem to which there is only one absolute truth: doubt”) [...]

In contrast to the dominant dystopic view, some visitors saw in the character’s ambiguous expression an index of change, the choice to abandon an oppressive relationship, or the ability to turn suffering into joy: “After a slow and melancholic struggle that made her sink deeper and deeper into the airless space of other memories, Helena concentrated all the energy of her own grief and turned it into the serenity of her awakening in the illusory apple tree orchard [that she had dreamt of].” Some visitors conjured up a creative persona: “Today I dreamt I’d be an artist. I’d paint pictures with the idea that flowers have of themselves.” Some imagined a dream of ascension, capable of overcoming opposites: “She rose up in the sky and saw the earth from the universe, she looked back and didn’t see an end, but a beginning.” During the nine hours (three sessions) that I have implemented this particular Writing Challenge, I gathered seventy-three contributions (though some visitors took their texts home), from which I have only analyzed those written in Portuguese. Having taken place in the context of a free entrance museum, open to a heterogeneous public, this project demonstrates the enormous creative potential of adults who, with few excep-

que têm vindo a alimentar durante décadas o imaginário colectivo ocidental. Houve também quem glosasse os versos apresentados, aludindo, numa leitura algo linear, ao desejo de a mulher ser mãe; conferindo à luz um carácter opressivo (“dei e furtei à luz, à luz que remanesce, que fumeça (...) já não intento regressar com a voz que ainda resta dos despojos de repouso por carpir”); reformulando o excerto proposto (“Dormis-te a dar à luz. Acordaste com a cabeça em chamas. (...) Hoje não me levanto. Fica para amanhã”).

Em contraste com a perspectiva distópica maioritária, alguns visitantes viram na expressão indefinida desta personagem um ímpeto de mudança esperançosa, a decisão de abandonar um relacionamento opressivo, ou a capacidade de transmutar o sofrimento em alegria: “Após uma lenta e melancólica luta que a afundava cada vez mais para o espaço sem ar de outras recordações, Helena concentrou em si toda a energia da sua própria dor e reverteu-a na serenidade do seu despertar, no ilusório campo de macieiras [com que sonhara]”. Houve quem projectasse na imagem a figura do criador: “Hoje sonhei que iria ser artista. Que iria pintar quadros com a ideia que as flores têm de si próprias”. Outros imaginaram um sonho de ascensão, capaz de superar os opostos: “Subiu nos céus e viu a terra desde o universo, olhou para trás e não viu o fim, viu um início”.

Ao longo das nove horas (três sessões) em que propus este Desafio de Escrita, recolhi

tions, rarely have occasion to use their imagination. Indeed, the current socialization practices, in particular the school curricula (after primary school), value above all the analytical competences and promote mainly the argumentative text. This may explain why children come close at once when they see the writing instruments, while adolescents and adults need to be persuaded to participate. Given the relevance of language and imagination to structure subjectivity, to (re)construct identity throughout our lives - especially in contemporary society, characterized by a fast pace of change and by ever-growing demands of active citizenship - I believe this type of intervention should be encouraged in public spaces.

Houve quem projectasse na imagem a figura do criador: “Hoje sonhei que iria ser artista. Que iria pintar quadros com a ideia que as flores têm de si próprias”. Outros imaginaram um sonho de ascensão, capaz de superar os opostos: “Subiu nos céus e viu a terra desde o universo, olhou para trás e não viu o fim, viu um início”.

Some visitors conjured up a creative persona: “Today I dreamt I’d be an artist. I’d paint pictures with the idea that flowers have of themselves.” Some imagined a dream of ascension, capable of overcoming opposites: “She rose up in the sky and saw the earth from the universes, she looked back and didn’t see an end, but a beginning.”

setenta e três contributos (sendo que alguns visitantes levaram o seu texto), dos quais analisei apenas os de língua portuguesa, no contexto de um museu de entrada gratuita, aberto a um público diversificado. Daqui se conclui o imenso potencial criativo de adultos que, salvo raras excepções, não exercem comumente a sua faculdade imaginativa, pois as práticas de socialização vigentes, em particular os programas escolares (depois do primeiro ciclo), valorizam sobretudo a capacidade analítica e o texto argumentativo. Não será, pois, de estranhar o facto de as crianças se aproximarem imediatamente ao verem o material de escrita, enquanto os adolescentes e adultos precisam de ser persuadidos a participar. Dada a importância da imaginação e da linguagem para se estruturar a subjectividade, (re)construindo a identidade ao longo da vida, sobretudo na sociedade contemporânea, marcada por um acelerado ritmo de mudanças e por crescentes exigências de uma cidadania dinâmica, julgo que este tipo de intervenção deverá ser incentivado nos espaços públicos.